

Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias

Docência e transgressão II: planejar, resistir, criar

Organizadora:
Luciane Uberti





**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitor

Carlos André Bulhões

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica

Patricia Helena Lucas Pranke

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Luciane Gonçalves Delani

Conselho Editorial

Carlos Eduardo Espindola Baraldi

Clarice Lehnen Wolff

Janette Palma Fett

João Carlos Batista Santana

Luís Frederico Pinheiro Dick

Maria Flávia Marques Ribeiro

Naira Maria Balzaretto

Otávio Bianchi

Sergio Luiz Vieira

Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca

Luciane Gonçalves Delani, presidente

Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias

Docência e transgressão II: planejar, resistir, criar

Organizadora:

Luciane Uberti



© dos autores

1.ª edição: 2021

Direitos reservados desta edição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coordenação da Série:

Cíntia Kulpa, Tanara Forte Furtado e Marcello Ferreira

Coordenação da Editoração: Cíntia Kulpa e Ely Petry

Revisão: Equipe de Revisão da SEAD

Capa: Tábata Costa e Jéssica dos Santos

Editoração eletrônica: Jéssica dos Santos

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



D636 Docência e transgressão II: planejar, resistir, criar [recurso eletrônico] / organizadora Luciane Uberti ; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021.
352 p. : pdf

(Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias)

1. Educação. 2. Docência. 3. Didática. 4. Planejamento educacional. 5. Transgressão. 6. Gênero. 7. Licenciatura. 8. Ensino Superior. 9. Criação. 10. Classes sociais. 11. Desigualdade de gênero. 12. Pedagogia. 13. Psicologia. I. Uberti, Luciane. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. III. Título. IV. Série.

CDU 37.014.543

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-65-5725-045-7

1

Planejamento como ato singular de criação

Luciane Uberti¹

Guilherme Vieira Bertollo²

1 Mestre e Doutora em Educação, professora da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: luciane.uberti@ufrgs.br.

2 Bolsista de Iniciação Científica PROPESQ/UFRGS, Licenciando em Ciências Sociais na UFRGS. E-mail: guilhermebertollo21@gmail.com.

Eis o segundo livro do conjunto de produções sobre Docência e Transgressão, que se propõe a divulgar propostas e formas de planejamento de ensino, transformadas em Projetos Didáticos, feitos por alunas e alunos de diferentes cursos de licenciatura, durante o curso da disciplina “Educação Contemporânea: currículo, didática, planejamento”, oferecida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim como o primeiro deles, *Docência e transgressão: potência singular no planejar* (Uberti *et al.*, 2018), este livro expressa uma multiplicidade de forças que se entrecruzam no porvir da Educação, embora a coletânea seja efeito de criações singulares, produzidas na relação entre cada licenciando, os saberes pedagógicos e cada uma das áreas de conhecimento abordadas.

Os projetos didáticos estão escritos no formato de artigo propositivo, depois de terem sido produzidos pelos discentes da disciplina na forma de projetos de trabalho. Os textos expõem duas faces: uma especialmente referencial, da elaboração de uma base teórica, seus fundamentos, a parte mais densa dos textos; e o plano de aula em si, descritivo, metodológico, com materiais didáticos a serem usados e experimentados numa aula. Essa é uma das particularidades a ser destacada em tais publicações: o formato de planejamento diagonal, que aborda algumas definições mais comuns a projetos político-pedagógicos institucionais mais amplos, como os referenciais teóricos e os pressupostos pedagógicos, ao mesmo tempo em que apresenta o passo a passo de uma sequência didática, tratando das questões metodológicas e do como fazer, referentes a uma determinada aula. Dito de outra forma: estes projetos didáticos realizam um traçado diagonal entre os diferentes tipos de pla-

nejamto educacional (projeto político-pedagógico, planos de estudo, planos de aula), o que exige um movimento de experimentação entre teoria e prática, criando um diálogo que atravessa essas duas dimensões e resulta em produções inéditas, que provocam o pensamento, mobilizam o pensar de algum modo, quiçá, como obras de arte.

É certo que este compilado traz consigo uma ênfase no caráter político, intrínseco a toda e qualquer prática educativa e intelectual, dialogando, de diferentes formas, com as críticas comumente chamadas de pós-estruturalistas, as quais demonstram a tendência em reforçar o aspecto de incompletude, de parcialidade e ficcionalidade da verdade (Peters, 2000). No entanto, ao contrário do que possa parecer, nisso não há qualquer incoerência, oposição ou contradição. Não há prática pedagógica que seja neutra (toda prática pedagógica é um ato político, pois age sobre as ações dos outros, envolvendo relações de poder, formas de saber e modalidades de subjetividade), tampouco há prática pedagógica completa, libertadora de todo o poder ou plena de verdade. O que há é uma ação pontual e específica, datada e localizada, para a qual é necessário posicionar-se, ainda que provisoriamente e cujos efeitos são, feliz ou infelizmente, desconhecidos. (Uberti, 2013)

Os projetos aqui apresentados se estabelecem como contradiscursos, desde que estes sejam entendidos como a possibilidade de contar a “história [do ponto de vista] dos vencidos”, nas palavras de Foucault (1976). Logo, isso significa assumir o compromisso com uma posição de resistência, promovendo a aproximação com signos de culturas silenciadas. Os projetos propõem, desta forma, dar visibilidade às diversas formas de enunciar o que é considerado verdade, produzindo efeitos múltiplos e sin-

gulares à medida que estabelece um tipo de ruptura com as práticas pedagógicas tradicionais. Acreditamos que, com tais propostas de trabalho pedagógico, não se está acima de qualquer suspeita em relação à verdade ou para além dela, sempre situada e datada. Entendemos que

não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder — o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder — mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento. (Foucault, 1999, p. 11)

Dito de outra forma, importa compreender o trabalho docente como um trabalho intelectual pontual e localizado — um trabalho intelectual que faz um incansável questionamento dos acontecimentos sociais de seu tempo, mas sempre em uma dimensão específica e, especialmente, no momento em que o poder de verdade de um discurso adquire força relevante. Trata-se de uma luta em dimensões precisas de compreensão da realidade, no que se refere aos saberes considerados válidos — que pode ser na dinâmica de classes, no respeito às diversidades sexuais, à cultura surda, ao trabalho infantil, à violência, às fake news, à preservação dos recursos naturais — contra as evidências totalizadoras daqueles que falam em nome de uma verdade universal e inquestionável. Desta forma, a produtividade do trabalho intelectual docente está na possibilidade de vislumbrar novas formas de resistências locais e micropolíticas, para enunciar novas formas do dizer verdadeiro, menos totalitárias e mais múltiplas.

Dentro deste contexto teórico, e concebendo o planejamento de ensino como estratégia de luta política cultural (Corazza, 1998), os autores fazem questão de mostrar essa importante discussão na escolha das temáticas escolhidas para serem abordadas em aula, assumindo a responsabilidade inerente à prática pedagógica: o seu compromisso ético-político. Isso faz com que os autores se ocupem de expor concepções de educação, de ensino, na sua área conhecimento específico, ou de currículo em geral, argumentando teoricamente sobre o aspecto político das práticas pedagógicas propostas, cada um enfatizando a sua especificidade.

Por serem experimentações singulares, a esse aspecto ético-político soma-se inegavelmente o aspecto de criação, a dimensão artística e inventiva das práticas pedagógicas. Seja por meio de uma docência artista (Corazza, 2001), uma formação estética (Loponte, 2017) ou uma docência poética (Corazza, 2017), podemos dizer que a arte ocupa um lugar importante na formação de professores na atualidade. Cada projeto didático faz uso dessa artistagem a seu modo, de maneira singular. E tal singularidade se expressa em uma composição, que vem a se consolidar a partir do exercício criativo de pensar, justificar e propor uma, duas ou mais aulas, que poderão servir de referência para si e para outros docentes.

O caráter singular de criação das práticas pedagógicas está na maneira pela qual cada projeto define sua abordagem metodológica (teórica, política, experimental, entre outras), bem como, quando possibilita conhecer outras dimensões do sensível, outras experiências de vida, afetos e perceptos, propondo isso através de recursos audiovisuais, de expressões artísticas e de performances. É nesse sentido que podemos estabelecer relações entre a ação do planejamento de ensino e a criação

artística, pensando o planejamento como uma forma de arte. Trata-se de enfatizar a potência do exercício de planejar, de ensaiar, de projetar, de inventar uma aula, tendo em vista que somente por meio da colocação de problemas ao pensar, estimulando a imaginação e a criatividade, poderemos investir em um trabalho de pensamento que visa expressar a potência máxima do fazer docente.

A artistagem daquele que planeja, reconhecedor de seu compromisso ético-político, torna possível uma docência que experimenta, que produz afetos, visibiliza diferenças e vai além, resistindo aos ataques e retrocessos neo-conservadores da atualidade. Tal artistagem promove um diálogo com outras formas de ver o mundo, debate sobre as perspectivas das culturas marginalizadas e dissidentes, experimenta sonoridades diversas. Pratica uma pedagogia transgressora, opondo-se a um ensino tradicional, disciplinar e massificante. Fortemente inspirada nas perspectivas crítica e pós-crítica de currículo (Silva, 2001), estimula o planejamento artista que permite irromper as singularidades e as diferenças no acontecimento aula, abrindo um horizonte de eventos sempre inédito, pois num constante movimento a experimentar.

As experiências de planejamento didático compartilhadas nesta coletânea promovem encontros com realidades vivenciadas por diferentes grupos sociais, grupos marcados socialmente, como as mulheres, os aprisionados, as comunidades negras e as pessoas não-binárias, demonstrando uma ação de resistência às formas de subjetivação cultuadas historicamente e, quiçá, ajudando a desconstruir padrões de subjetividade que são hegemônicos, etnocêntricos e colonizadores.

Por fim, podemos afirmar que os textos abordam temas relevantes da atualidade, reforçando o caráter transgressor da prática educativa, apresentando-se como narrativas de resistência das culturas e povos subjugados. Trata-se de um trabalho de grande relevância num contexto político adverso, de retrocessos sociais e de autoritarismo, em que é preciso resistir à onda conservadora ultra-neoliberal, que vêm defendendo uma falsa imagem de neutralidade da prática docente. Em tempos sombrios se faz necessário entrar na disputa para defender concepções de Educação, historicamente construídas a inúmeras mãos, que respeitem os direitos humanos e as liberdades das manifestações culturais da diversidade. É a isso que esta coletânea de belíssimos artigos propositivos se propõe.

O artigo intitulado “Sala de aula como um espaço para a discussão da LGBTfobia”, de Ana Paula Moraes Goetze e Matteus Lirio Campo, apresenta uma proposta de trabalho para a área de Ciências Biológicas, retomando a LGBTfobia como um assunto negligenciado no currículo escolar. Considerando que o Brasil tem um dos maiores índices de violência contra pessoas da comunidade LGBTQIA+, os autores propõem a necessidade de fortalecer o debate na escola sobre a importância de um posicionamento mais humanizador em relação a este grave problema social. Assim, a partir da problematização e da percepção de preconceitos sobre o tema, a proposta de aula objetiva investir no respeito à diversidade e contribuir com a prevenção da LGBTfobia na sociedade.

Flávia Santos da Silva e Tainara Ribeiro Corrêa contribuem com o artigo intitulado “A voz feminina na obra machadiana: uma nova perspectiva no dia a dia dos alunos”. Trata-se de uma aula para a área de

literatura brasileira que visa provocar reflexões sobre as formas pelas quais as mulheres são representadas na nossa cultura. Tendo como tema a voz feminina na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, este projeto didático conta com uma proposta de atividade para promover o respeito e desenvolver o pensamento crítico nos alunos.

“Compreensão crítica de textos jornalísticos aplicados à realidade do aluno”, de Camila Flores Copetti e Rafaeli Bianca Miorando, tem por objetivo trabalhar com ferramentas que ajudem os alunos na construção de uma compreensão crítica de textos, partindo daqueles que fazem parte do seu dia a dia. Neste sentido, as autoras propõem uma aula de língua portuguesa sobre qualidades discursivas, com a utilização de textos jornalísticos que retratam o cotidiano dos alunos, para que eles sejam capazes de realizar uma análise mais consciente e crítica de tal realidade apresentada textualmente.

Júlia de Campos Lucena e Maria Petrucci Sperb contribuem com esta publicação no artigo intitulado “Lendo *Dom Casmurro*: um projeto didático sobre literatura e crítica”, em que propõem trabalhar características da Escola Realista e do livro de Machado de Assis. As autoras esperam promover reflexões sobre a influência do contexto de enunciação na interpretação da obra literária, considerando a condição socio-cultural do Brasil do século XIX, por meio da análise de textos literários.

O texto “O feminicídio nos países hispanofalantes: uma proposta de educação popular para o ensino de artigos e gêneros das palavras na língua espanhola”, de Maíra Blume Sampaio, apresenta um planejamento engajado com a perspectiva da Educação Popular de Paulo Freire. Acreditando na possibilidade de uma educação crítica e liberta-

dora, a autora propõe o ensino de artigos e de gênero de palavras em espanhol, tendo como temática o feminicídio, no intuito de possibilitar uma reflexão participativa e o compartilhamento de experiências e saberes entre alunos e educadores.

“Se essa escola fosse minha: a relação entre os estudantes e o ambiente escolar” constitui-se da importante contribuição de Francielle Viana da Rosa e Thiago Martins Rodrigues. Impulsionados por observações feitas em escolas públicas de Porto Alegre, os autores propõem discutir a deslegitimação da escola pública como um espaço de formação, reafirmando-a como lugar que possibilita a emancipação dos sujeitos. As aulas de língua portuguesa propostas tomam a escola como tema gerador e visam a construção de uma textualidade contra-hegemônica que problematize o currículo e o discurso tradicionais.

O projeto didático da área de Pedagogia, intitulado “Prática pedagógica com alunos da educação infantil sobre a origem dos alimentos e os sentidos envolvidos na alimentação”, de Ana Luiza Sander Scarparo, envolve saberes relacionados à formação de hábitos alimentares. Planejada para ser desenvolvida com a primeira etapa da Educação Infantil, a atividade procura romper com as formas tradicionais de ensino, ao propor dinâmicas que aguçam os sentidos e exploram a degustação de alimentos pelas crianças em aula.

“Dados demográficos e interpretação textual: o que o sistema carcerário e o Rap têm a ensinar?” constitui-se de um projeto didático interdisciplinar de autoria de Ana Paula Parisotto e Júlia Dall'gnese. Ao unir Língua Portuguesa e Geografia, tendo como tema central o sistema carcerário brasileiro, as autoras fazem uma proposta de aula com interpretação de

textos e análise de dados demográficos da população brasileira. Além de tornar possível problematizar a relação entre o aumento da criminalidade no Brasil e a desigualdade social, o projeto trabalha com diferentes gêneros textuais, como *trailers* de filmes, reportagens e músicas.

Michael Douglas Bicudo Zotti, Daniel Anselmo e Gabriel Ruiz Pinheiro unem as áreas de Geografia e Filosofia na proposta de aula exposta no texto “Estereótipos socioculturais da África e o ensino de geografia e filosofia”. Para esta atividade escolar, os autores propõem abordar a África desmistificando os estereótipos a respeito do continente africano e problematizando a mídia como constituidora de tais discursos preconceituosos, de modo a analisar a formação socioespacial das diferentes culturas e etnias.

“Questões de gênero: enfrentamento ao machismo pelo empoderamento feminino”, de Mirella Aguiar da Silva e Polyana Perosa é mais uma proposta didática interdisciplinar. Um projeto para as áreas de Matemática e de Biologia que trata do empoderamento feminino como uma estratégia de enfrentamento ao machismo estrutural em nossa sociedade. Partindo da abordagem de conceitos como machismo e da análise de questões de gênero, as autoras propõem uma problematização de dados estatísticos e a leitura de contos do livro *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*, no intuito de possibilitar reflexões sobre situações cotidianas de combate ao machismo.

O texto intitulado “Território (do) cidadão”, de Barbara Jungbeck e Rai Nunes dos Santos, é outra proposta interdisciplinar entre as áreas de Ciências Sociais e de Geografia. Por compreender que a educação é uma ferramenta para promover o exercício da cidadania, assim como

para promover a ocupação dos espaços geográficos, os autores traçam estratégias pedagógicas para realizar reflexões sobre a territorialização dos sujeitos como agentes sociais.

A área da Psicologia está presente nesta publicação com o projeto didático “Reflexões sobre a escolha profissional na adolescência”, de Fabiane Cristina Pereira Marcilio. Considerando que a escolha profissional é uma questão relevante na fase da adolescência, a autora propõe abordar a temática com alunos do Ensino Médio, no intuito de possibilitar o conhecimento das influências que precedem tal decisão. Fundamentada na perspectiva de Paulo Freire, especialmente no que se refere a necessidade de valorizar a autonomia do aluno, a proposta objetiva que os alunos reflitam sobre os fatores que envolvem o processo de escolha profissional.

Luce Helena Kochem contribui com um projeto didático a ser desenvolvido na área do ensino de química, intitulado: “Abordagem pedagógica do estudo de Ácidos e Bases: segurança química nas atividades diárias e o papel do pH”. Como forma de favorecer o interesse dos alunos pela temática, após apresentar o conceito de potencial hidrogeniônico (pH) no que se refere à origem, importância e presença na vida cotidiana, a autora propõe abordar o conteúdo de proximidade (ácidos fortes e fracos e bases fortes e fracas, sais) partindo da realidade dos alunos. Assim, a proposta tem como objetivo ressignificar o estudo do parâmetro de medida e seu conteúdo consequente, valorizando sua aplicação na vida.

“O Rap é um livro aberto: interação entre cultura popular e o ensino de Sociologia” é uma contribuição de Arthur Witter Meurer e Henrique Alves Velho Haag. Ao utilizar a música e o livro didático de Sociologia

como ferramentas metodológicas, propõem que os estudantes manifestem a sua condição de sujeito em um contexto social dado. Partindo das narrativas inseridas por artistas do gênero musical *Rap*, tal proposta visa possibilitar a reflexão sobre as vivências étnico-raciais e sociais da sociedade brasileira.

O artigo “Políticas Públicas e as desigualdades sociais no Brasil”, de Guilherme Bertollo e Guilherme Niches, fecha esta coletânea de textos propositivos. Os autores demonstram a urgência de construirmos reflexões acerca da desigualdade social no Brasil considerando as realidades dos alunos em seus diferentes contextos e, com esse objetivo, propõem uma atividade em sala de aula com um caráter deliberativo e dialógico. Esta proposta didática estimula a participação política dos estudantes, de forma a experimentar o engajamento na ação democrática a partir de deliberações realizadas em conjunto.

Esperamos que tais projetos didáticos possam inspirar outras propostas, seja por destacar determinados temas, abordar assuntos específicos ou demarcar posições pedagógicas, cada um a seu modo, mas todos transgressores da ordem que aniquila a vida, o conhecimento e a arte presentes no currículo escolar.

Desejamos uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra M. Planejamento de Ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antônio F. (org.) *Currículo: questões atuais*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1998. p. 103-143.

- CORAZZA, Sandra M. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. GT 24 - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd - 38ª Reunião Anual. São Luís: UFMA, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 1-14.
- LOPONTE, Luciana G. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 69, abr.-jun, 2017.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- UBERTI, Luciane. Intencionalidade Educativa. *Revista Educação e Realidade*, v. 38, n. 4, dez., 2013.
- UBERTI, Luciane et al. (org.). *Docência e Transgressão: potência singular ao planejar*. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2018.